

Coleção Aventuras Grandiosas

Henry James

A VOLTA DO PARAFUSO

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª Edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Capítulo 1

CONTOS DE HORROR

Era noite de Natal. Um grupo de amigos reuniu-se em minha casa e, após a deliciosa ceia, entregamo-nos ao nosso passatempo favorito: contar histórias de terror. Nessa hora, Douglas, um de meus melhores amigos, disse:

— Conheço uma história verdadeira, sobre duas crianças.

Seu rosto estava abatido, o olhar era fundo e triste, parecendo indicar que algo não corria bem.

— O que aconteceu foi tão horrível que, tenho certeza, quando conhecerem os fatos, seus corações se sentirão apertados como se recebessem não apenas uma, mas duas voltas de parafuso — disse ele.

Algumas pessoas riram, mas Douglas continuava sério, olhando para o fogo da lareira, que ardia para aquecer a sala do frio inglês daquela época do ano. Quando todos se calaram, ele prosseguiu:

— Até hoje, sou o único que sabe. É terrível demais — falou, contorcendo a face cansada de seus sessenta anos, como se estivesse enojado.

— A experiência em questão foi sua? — perguntei.

— Graças a Deus não! — exclamou ele. — Foi de uma mulher... morta há vinte anos. Enviou-me um caderno com a descrição de sua desgraça pouco antes de morrer. Ele está aqui — disse, mostrando o objeto.

Alguns convidados puseram-se a cochichar, insinuando uma possível paixão de Douglas pela tal mulher, mas ele manteve-se **IMPASSÍVEL**.

— Tinha dez anos mais que eu. Foi professora de minha irmã. Uma pessoa tão maravilhosa... — disse, com os olhos brilhando pela primeira vez naquela noite.

Douglas começou dizendo que a história das crianças necessitava de algumas explicações antes de ser lida.

— Quando tudo aconteceu, a professora de minha irmã era recém-formada. Jovem filha de um **PÁROCO** da área rural, nascida no campo, seguiu até Londres para uma entrevista de emprego — explicou.

— Que tipo de emprego? — perguntei.

Sem dar importância à minha pergunta, ele continuou:

— Mesmo sem conhecer a cidade, conseguiu chegar em Harley **STREET**. Apresentou-se em uma verdadeira mansão naquela rua. No escritório, foi apresentada ao cavalheiro que oferecia o emprego. Nessa hora, minha amiga sentiu as pernas tremerem...

- 🔦 **IMPASSÍVEL:** indiferente, sereno
- 🔦 **PÁROCO:** sacerdote, padre, vigário
- 🔦 **STREET:** “rua”, em inglês



Os ouvintes se agitaram, mas ninguém ousou interrompê-lo.

— Segundo me contou, jamais havia visto homem tão bem apresentável, com traços tão fortes e olhar tão penetrante — disse, tirando-nos um pouco do suspense. — Jovem e bonito, ele era também envolvente e **GALANTEADOR**. A conversa que tiveram foi agradável, e logo minha amiga se deixou levar pelo magnetismo de suas palavras.

Voltando o olhar para mim, como se quisesse responder minha pergunta anterior, Douglas disse:

— O emprego parecia atraente. Ela deveria partir imediatamente para Bly, a casa de campo da família do jovem cavalheiro, no condado de Essex, para cuidar da educação de seus dois sobrinhos órfãos, cujos pais haviam falecido há dois anos em uma viagem à Índia. Sendo um homem solteiro, ocupado demais com os negócios, não tinha tempo, muito menos paciência para lidar com crianças. Desde a morte dos pais, o casal de sobrinhos morava em Bly, local seguro e confortável.

— Como se chamavam as crianças? — alguém perguntou.

— Flora, de oito anos, e Miles, de dez, haviam estado sob os cuidados de uma outra **PRECEPTORA**, mas infelizmente a moça falecera há três meses. O menino fora então mandado para um colégio interno, mas as férias estavam próximas, e ele logo deveria estar de volta. **MRS.** Grose, governanta encarregada do gerenciamento de toda a casa, estava tomando conta de Flora. Era uma senhora **IDÔNEA** e boa. A casa tinha muitos empregados, mas ela seria a autoridade máxima no momento em que chegasse lá.

Alguém levantou a voz e perguntou:


— De que morreu a primeira professora?

— Vocês tomarão conhecimento depois. O que importa é que havia uma condição para que o emprego fosse dela. Algo que, no seu entender, poderia significar risco...


— De vida? Por Deus, que condição era essa? — perguntei com ansiedade.


— Ela não deveria nunca, sob hipótese alguma, incomodá-lo. Aliás, ninguém de Bly poderia lhe escrever, reclamar de qualquer coisa, pedir ajuda ou conselho. Ela receberia todo mês o dinheiro necessário para as despesas e deveria cuidar de tudo sozinha, qualquer que fosse a dificuldade encontrada. Em troca, o salário era muito bom para uma moça recém-formada.

— Oh! O dinheiro era tão bom assim? — perguntei.

 **GALANTEADOR:** cortejador, sedutor

 **PRECEPTORA:** professora responsável pela educação de crianças em casa

 **MRS.:** abreviatura de “Misses”, um tratamento usado na língua inglesa para se dirigir a mulheres casadas ou mais velhas, semelhante à “Senhora”, no português

 **IDÔNEA:** adequada, de confiança



— Acho que, no fundo, o fato de um homem daquela posição estar confiando nela deixou-a **ENVAIDECIDA** e disposta a enfrentar o desafio.

— Ela estava apaixonada! — exclamou uma senhora sentada em uma poltrona.

— Tirem a conclusão que quiserem, mas, selado o acordo entre eles, minha amiga recebeu uma recompensa que considerou a maior de todas. Era como se tudo já estivesse valendo a pena.

— Recompensa? — indagou a senhora.

— Ele tocou suavemente sua mão direita, que por segundos ficou abrigada entre as duas palmas ao mesmo tempo quentes e ásperas do novo patrão. Ela sentiu as pernas tremerem e o coração acelerar a ponto de ter medo de desmaiar.

Nesse momento, Douglas abriu o caderno de capa dura para começar a leitura do texto escrito pela própria mulher, e confiado a ele antes de morrer. A bela caligrafia mostrava características de uma pessoa determinada, embora delicada. A tinta estava bastante desbotada pelo tempo. Antes de deixá-lo começar, porém, perguntei:

— Ela se contentou com um aperto de mão, sendo que estava apaixonada?

— Foi a última vez que eles se viram — respondeu Douglas, voltando o olhar para a primeira página.

Capítulo 2

CHEGADA A BLY

“Saí de Harley Street com uma sensação de que havia tomado a decisão errada. Uma **DILIGÊNCIA** me levou até a cidade próxima, onde havia uma carruagem esperando para me transportar até Bly. O aperto no peito só me abandonou no momento em que cheguei ao meu local de trabalho. A casa era enorme e de muito bom gosto. A **OPULÊNCIA** dos cômodos e dos jardins contrastava com a vida pobre que eu levava até aquele dia.

Fui recebida por Mrs. Grose, que tinha o rosto sereno e trazia uma linda menina pelas mãos. As duas me reverenciaram de tal modo que senti como se eu mesma fosse a dona da casa ou talvez uma hóspede de muita cerimônia. Além delas, havia vários outros empregados. Chamou-me a atenção a doçura e a beleza de minha pequena aluna. Na verdade, nunca vira criança mais linda na vida. Achei estranho que meu patrão não tivesse comentado nada sobre isso.

- 📖 **ENVAIDECIDA:** cheia de glória, com vaidade
- 📖 **DILIGÊNCIA:** carruagem puxada por cavalos, que servia de transporte coletivo antes dos trens
- 📖 **OPULÊNCIA:** riqueza

Naquela noite, dormi pouco, pois estava muito agitada. Além disso, meu quarto era tão grande e luxuoso, que demorei para me sentir à vontade. Fiquei bastante satisfeita por ter me dado bem com Mrs. Grose logo de início. Era uma mulher de aparência simples, um pouco gorda, de rosto redondo e feio. Apenas uma coisa me preocupou: ela parecia exageradamente feliz com a minha presença em Bly. Percebi, inclusive, que tentava disfarçar essa alegria.

Passsei a primeira manhã conhecendo a propriedade. Caminhei por toda a casa, que tinha quartos e salas enormes, a maioria vazios, mas **IMPECAVELMENTE** arrumados. Certa hora pensei ter escutado um grito **LONGÍNQUO** de criança trazido pelo vento, e logo cedo também percebi passos lentos que faziam ranger o assoalho perto da porta do meu quarto, mas nada disso afetou o encantamento pela nova vida que eu iria levar. Na verdade, só me lembrei desses detalhes depois de tudo o que aconteceu mais tarde.

Flora era uma menina maravilhosa. Sua meiguice, acrescida de uma beleza **ANGELICAL**, **DISSIPAVA** qualquer tipo de preocupação que eu pudesse ter. O trabalho de ensiná-la e formar seu caráter me dava uma satisfação tão grande, que eu sentia como se tivesse nascido para aquela tarefa.








Combinamos que, a partir da segunda noite, a pequena iria passar a dormir no meu quarto. Mrs. Grose arrumou uma cama ao lado da minha, o que fez Flora sentir-se importante e feliz. Acho que parte do **APREÇO** que tive por Mrs. Grose vinha do fato de que nós duas éramos completamente apaixonadas pela menina.

— Como é o menino? Parecido com ela? — perguntei.

— Ele é extraordinário! Extraordinário! — exclamou a boa governanta.

Tudo parecia estar bem. Naquela tarde, porém, senti uma espécie de sufoco no peito. Flora resolveu que iria me mostrar as partes da casa de que mais gostava. O fato é que a bela menina me levou para percorrer corredores escuros, quartos vazios e cheios de esconderijos, escadas **ÍNGREMES** e uma torre que dava para o jardim, cuja escalada me deixou tonta.

Imaginei que, para Flora, aquela casa se parecia com um castelo de contos de fada, mas acredito que a **OPRESSÃO** que senti deveu-se ao fato de eu ter percebido outra coisa: Bly não era um castelo de histórias infantis, mas sim uma casa

-  **IMPECAVELMENTE**: perfeitamente, sem defeitos
-  **LONGÍNQUO**: distante, afastado
-  **ANGELICAL**: referente aos anjos; perfeito e belo
-  **DISSIPAVA**: afastava, dispersava
-  **APREÇO**: consideração, estima, gosto
-  **ÍNGREME**: difícil de subir, com declive forte
-  **OPRESSÃO**: dificuldade de respirar, sensação de sufoco

velha e feia, que mais se parecia com um navio à deriva. O pior de tudo é que o navio estava cheio de passageiros e a responsável pelo **LEME** era eu!

Para completar a sensação desagradável, no final do primeiro dia, recebi uma carta de meu patrão. Era um envelope que continha um outro dentro e um bilhete dizendo: “Esta carta é do diretor do colégio de Miles. Ele é um homem **MAÇANTE**. Leia e veja do que se trata, mas lembre-se: resolva tudo com ele. Não quero saber de nada.”

Abri o envelope endereçado ao meu patrão em Londres e tive um choque. Miles havia sido expulso do colégio! De manhã, fui falar com Mrs. Grose.

— O que a senhora está me dizendo? O menino foi expulso? — perguntou ela, **ATÔNITA**.

— A escola se recusa a recebê-lo de volta.

— Mas isso é um absurdo! O que foi que ele fez?

— A carta diz que ele pode prejudicar os outros alunos.

— O senhorzinho? Isso é impossível! Estão sendo cruéis com ele! Como é que uma criança de apenas dez anos pode prejudicar alguém? A senhora me diga.

Sua voz soava realmente indignada, o que me fez acreditar que estava dizendo a verdade, por isso concordei:

— Tem razão. Deve estar havendo algum engano.

No entanto, aquele assunto não me saiu da cabeça. Durante todo o dia, percebi que Mrs. Grose tentou evitar conversas relacionadas a isso. À noite, coloquei-a contra a parede:

— Pelo que a senhora me disse hoje cedo, o menino nunca foi mau... — insinuei.

— Nunca? Bom, isso talvez não, **MISS** — disse ela, corando novamente.

— Então a senhora soube de algum episódio em que ele tenha se portado mal...

— Uma criança faz travessuras...

Aquela resposta ainda estava vaga demais. Continuei tentando:

— Como era a outra preceptora, a que trabalhou aqui antes de mim?

— Muito bonita e jovem, mas não tanto quanto a senhora.


— E ela alguma vez viu Miles fazer coisas erradas?

— Nunca falou nada sobre isso, Miss.

— Ela era exigente?


— Em algumas coisas.

— Não em tudo?

 **LEME:** peça de um barco que serve para dirigi-lo ou governá-lo

 **MAÇANTE:** chato, aborrecido

 **ATÔNITA:** espantada, estupefata, tonta

 **MISS:** tratamento usado na língua inglesa para se dirigir a mulheres solteiras, referente à “Senhorita”, no português



— A senhora me desculpe, mas não quero falar sobre isso. Ela já se foi e não acho certo...

— Ela morreu aqui?

— Não, foi tirar umas férias e, quando estava prestes a voltar, recebemos uma carta do patrão dizendo que ela havia morrido.

— Ela estava doente?

— Não parecia.

— E do que morreu?

— O patrão não disse. A senhora me dá licença, mas preciso voltar ao trabalho — falou, encaminhando-se para a cozinha.

Capítulo 3

MILES

Conclui que, por algum motivo misterioso, ela realmente não queria falar sobre o assunto. Porém, o mal-estar entre nós desapareceu assim que o menino chegou, no dia seguinte. Era uma criança de tirar o fôlego, encantadora, linda e com indiscutível ar de pureza. Miles inspirava a mesma sensação de alegria e causava um magnetismo ainda maior que o de Flora. Mrs. Grose, percebendo meus sentimentos pelo garoto, perguntou:

— O que vai fazer, Miss?

— Em relação à carta do diretor? Não farei nada.

— E o que dirá ao tio dele?

— Não direi uma palavra.

— E ao menino, o que dirá?

— Absolutamente nada — respondi, decidida.

A boa mulher precisou enxugar as lágrimas no avental antes de pedir para me dar um abraço.

— Conte comigo, Miss. Essa criança seria incapaz de um ato de maldade — disse ela.

— Vamos até o fim — falei, com emoção.

O abraço nos uniu, nos deu força e alívio. As semanas se passaram, e eu estava cada vez mais encantada com meus alunos. As duas crianças pareciam um casal de príncipes! Os dois estavam sempre me rodeando, fazendo perguntas, sendo amáveis e educados. Eram também carinhosos, de modo que nunca iam se deitar sem me dar um beijo cada um. A questão do diretor do colégio passou a ficar totalmente em segundo plano. Para mim, Miles estava acima de qualquer suspeita.

Todos os dias, depois do chá, os meninos iam dormir e eu tinha um tempo reservado só para mim. Por mais que eu os amasse, era essa a hora de que eu mais gostava. Caminhava pela propriedade antes de escurecer e imaginava meu patrão





se aproximando, vindo de alguma parte da casa ou talvez do portão de entrada. Ele beijava minhas mãos e me cumprimentava pela ótima educação que eu estava dando a seus sobrinhos. Ah! Como eu torcia para esse momento chegar...

Certa tarde, nessa hora que era só “minha”, essa fantasia se tornou realidade. Infelizmente, não da maneira como eu sonhava, mas de fato eu estava vendo alguém no alto da torre em que Flora me levava quando cheguei a Bly. Era um homem, dava para ver, mas a longa distância que nos separava não me permitia reconhecer suas **FEIÇÕES**. Senti-me subitamente fraca. Caminhei alguns metros em direção à torre e notei que o homem também me encarava, tão surpreso quanto eu com nosso encontro. Ele não usava chapéu, sinal de que era muito íntimo da casa, ou uma pessoa sem classe. Eu não o conhecia, não o tinha visto em Harley Street, nem no vilarejo próximo a Bly. Também não poderia ser um dos funcionários, pois, àquela altura, eu já conhecia todos eles. Acredito que cerca de um minuto tenha se passado. Ele estava a uma distância grande da casa, mas pude ver que caminhou para o outro lado da torre sem tirar os olhos de mim. Foi se afastando aos poucos e, quando finalmente desapareceu, não consegui **PRECISAR** para onde tinha ido, se descera as escadas da torre ou se simplesmente sumira com o vento.

Fiquei paralisada por alguns instantes, depois saí andando pela propriedade atrás dele. Devo ter caminhado mais de dois quilômetros ao todo, mas o esforço foi **EM VÃO**, não vi nem sinal do homem. Quando cheguei em casa, a noite já havia caído e Mrs. Grose estava à minha espera na porta de entrada.

Achei melhor não dizer nada, pois eu estava confusa, sem saber direito o que pensar do ocorrido. O medo começava a invadir meu corpo e algumas questões não me saíam da cabeça. Haveria algum tipo de segredo em Bly? Dei uma desculpa para Mrs. Grose pelo atraso e fui me deitar.

Passei três dias observando tudo ao meu redor, principalmente os empregados. Não notei nada de anormal e concluí que aquele homem deveria ter sido um **INTRUSO**, alguém que estava viajando e havia parado para dormir na torre, um dos locais mais abrigados da propriedade.

Mais calma, livre do medo e dos pensamentos ruins, voltei a me dedicar de corpo e alma à minha tarefa de educar Miles e Flora. E como era feliz o meu trabalho! Os dois eram crianças tão meigas, que o excesso de doçura era o único defeito deles. Digo defeito porque apresentavam uma sensibilidade somente comparável à de um anjo, o que me dava a impressão de que eles não eram humanos.

- 👁️ **FEIÇÃO**: traços do rosto
- 👁️ **PRECISAR**: aqui, no sentido de determinar com precisão
- 👁️ **EM VÃO**: inútil
- 👁️ **INTRUSO**: alguém que entra em um lugar sem ser autorizado

Miles, principalmente, mostrava-se tão feliz e radiante, que poderia se dizer que ele nascia todas as manhãs. Uma única coisa ainda me intrigava: a expulsão do colégio. Depois de pensar muito no assunto, dei-me por satisfeita com a conclusão à qual cheguei: Miles era inocente demais para o mundo lá fora. Meu menino era um anjo que ainda não estava pronto para enfrentar um diretor frio e **CALCULISTA**. Além do mais, como ele nunca mencionara o colégio, os professores e os colegas, não seria eu a lembrar-lhe uma experiência ruim. Resolvi colocar uma pedra sobre a questão.

Certo domingo, Mrs. Grose e eu resolvemos assistir ao culto das seis. As crianças já estavam na cama. Pedi à boa governanta que me esperasse um minuto, pois precisava pegar as luvas que esquecera na sala de estar.

O dia já estava no fim, por isso a sala não tinha muita luz, mas enxerguei as luvas sobre a poltrona, exatamente onde eu as havia deixado. Peguei-as e já ia saindo, quando deparei-me com uma figura na janela, do lado de fora da casa. O mesmo sujeito que eu vira na torre agora estava lá, olhando para mim através do vidro.

Ele só ficou alguns segundos, depois desapareceu, mas foi o suficiente para eu sentir o sangue gelar. Durante o tempo em que ficamos frente a frente percebi outra coisa. Seu olhar desviou duas ou três vezes do meu em direção a outros objetos da sala, o que me fez ter certeza: não era eu que ele queria, e sim qualquer outra pessoa!

Corri até o lado de fora, na expectativa de encontrá-lo, mas o homem não estava lá. Resolvi então repetir os movimentos dele. Aproximei o rosto da janela e olhei para dentro da sala de estar. Exatamente nessa hora, Mrs. Grose ia entrando na sala a minha procura. Ela parou, assim como eu fizera minutos atrás, e empalideceu, o que me fez imaginar se meu rosto também perdera a cor. Em seguida, também saiu da casa em direção ao jardim. Quando nos aproximamos, notei que ela ficara tão transtornada quanto eu! A boa mulher estava em estado de choque!

Capítulo 4

PETER QUINT

— O que houve, pelo amor de Deus, Miss? A senhora estava com um ar aterrorizante através do vidro! — perguntou Mrs. Grose.

— Da mesma forma que a senhora me viu pela janela, eu vi coisa muito pior! Vi um homem, um homem horrível! — disse, abraçando-a.

— Que homem???



CALCULISTA: interesseiro



- Não o conheço.
- E para onde foi? — perguntou, olhando ao redor.
- Não tenho a mínima ideia.
- A senhora já o viu antes?
- Uma vez, no alto da torre. Uns dois meses atrás.
- Era um cavalheiro?
- Oh, não! Isso não!
- Era o que, então, Miss?
- Uma **ABERRAÇÃO!**
- Oh, meu Deus, como é esse sujeito horrível?
- Estava sem chapéu — comecei.

Nessa hora, notei que a governanta tinha acesso a alguma informação que não era do meu conhecimento. Ela se aproximou da janela, tentando ter também a visão que o sujeito tivera. Continuei a descrição:

— Os cabelos dele são crespos e bem vermelhos. As sobrancelhas são grossas e escuras. A boca é grande e os olhos, miúdos. O olhar, no entanto, é profundo, e causa frio na espinha. As roupas chamaram-me a atenção.

— As roupas?

— Sim, ele estava muito bem vestido, mas via-se que o traje era grande demais. Não era dele o terno preto que usava.

— São as roupas do patrão! — gritou Mrs. Grose.

— A senhora o conhece? — perguntei, quase gritando.

— Este homem que a senhora descreveu é... Quint.

— Quint?

— Peter Quint, empregado de quarto do patrão quando ele estava aqui. Ele nunca usava chapéu. Depois que o patrão se foi para Londres, Quint ficou aqui sozinho. Vários ternos sumiram do armário.

— Como assim, sozinho?

— Quero dizer, conosco, sem o patrão.

— E onde ele está agora? Não trabalha mais aqui?

— Peter Quint está morto!

Não fomos à igreja. Entramos em casa, fechamos todas as cortinas que encontramos em um gesto de desespero e choramos. Mesmo não tendo visto nada, Mrs. Grose acreditou em mim, e refez seus votos de ficar ao meu lado, “até o fim”, para cumprir nossas funções de governanta e professora em Bly. Ela era uma mulher humilde, simples, e talvez por isso mesmo admirei ainda mais sua coragem e confiança em mim. Passamos quase a noite toda falando sobre o acontecido. Mrs. Grose me perguntou:

 **ABERRAÇÃO:** anomalia, algo que não é normal; monstro



— A senhora disse que ele procurava alguém que não era a senhora. Quem?
— Miles. Ele procurava Miles.
— O menino? Como sabe? — perguntou, com angústia na voz.
— Eu sei, tenho certeza, e acredito que a senhora também saiba disso.
Ela se calou, sem negar minha afirmação.

— Acho estranho que nem Miles nem Flora tenham me falado sobre o tempo que conviveram com Peter Quint. Eles falam sempre no tio e na época em que ele estava aqui — sugeri.

Minha amiga corou levemente. Incentivei-a:

— Pode falar, minha cara. Devemos nos unir agora. Meu **INTUITO** é proteger Miles e Flora. Estou **CONVICTA** de que irei me encontrar de novo com Quint. Tenho a esperança de que, enfrentando-o, eu possa funcionar como uma espécie de escudo para as crianças.

Emocionada, ela acabou dizendo:

— Quint estragava o menino. Fazia-lhe todas as vontades. Miles era como um brinquedo para o empregado do patrão.

— Só isso?

— Não, Miss... Ele era um homem intrometido. Dava opinião em qualquer assunto, inclusive na educação das crianças. Ele praticamente decidia a vida dos pequenos.

— Intrometia-se na vida das crianças? — perguntei, quase gritando de **INDIGNAÇÃO**.

— O patrão confiava nele. Trouxe-o de Londres e disse que o sujeito estava doente. Iria ficar aqui até melhorar, pois o ar do campo lhe faria bem.






— E a senhora nunca contou ao patrão sobre os modos de Quint?

— Eu tinha medo. Quint era inteligente e muito **ASTUTO**. Acho também que o patrão não iria me ouvir.

— Como ele morreu?

— O homem bebia, Miss. Foi encontrado morto perto da **TABERNA** do vilarejo. As testemunhas disseram que ele escorregou e bateu a cabeça, mas ele andava com gente tão estranha que não sei não. Uma vez arrumou briga e chegou aqui todo machucado.

A partir do dia seguinte, por ordens minhas, Miles e Flora não podiam andar desacompanhados. Se Mrs. Grose ou eu não estivéssemos por perto, algum

-  **INTUITO:** intenção
-  **CONVICTA:** convencida
-  **INDIGNAÇÃO:** raiva ou desprezo por algo que não está certo
-  **ASTUTO:** pessoa que sabe enganar; malicioso
-  **TABERNA:** lugar onde se vende vinho



empregado ficaria de olho neles. A situação era difícil e eu agora me dava conta do tamanho do compromisso que assumira em Harley Street. Decidi enfrentá-lo como uma espécie de heroína. Eu iria proteger aquelas criaturinhas inocentes de todo e qualquer perigo que se apresentasse.

E ele de fato se apresentou. Era uma tarde ensolarada. Saí para dar um passeio com Flora, enquanto Miles preferiu ficar sentado no jardim lendo um livro. Era admirável o gosto de um garoto tão pequeno pela leitura! Deixei um dos empregados tomando conta dele e caminhei com minha aluninha em direção ao belo lago que havia em Bly. Influenciada pelos estudos de geografia, Flora estabeleceu que o lago seria o Mar de Azove e resolveu encenar uma peça no local. Com todo o seu jeitinho meigo de criança, pediu que eu me sentasse no banco de pedra sob uma árvore e pegasse um bordado, pois minha personagem teria que realizar trabalhos manuais.

Fiquei entretida com o bordado e com a adorável voz de Flora, que preparava, entusiasmada, o cenário para sua peça no Mar de Azove. Ela andava de um lado para o outro catando folhas e **GRAVETOS**, que seriam usados para fazer um bote imaginário.

De repente, percebi que Flora e eu não estávamos sozinhas na beira do lago. Pensei, sem coragem de tirar os olhos do bordado, que poderia ser um empregado, ou talvez Miles, que tivesse se cansado da leitura, mas algo me dizia que a pessoa que estava por perto não era do bem.

Lentamente, levantei os olhos em direção à Flora, e foi nessa hora que me dei conta de que fazia cerca de um minuto que a pequena havia se calado. Ela brincava de costas para o lago, tentando construir um mastro de madeira para seu bote. Isso me fez tomar coragem, encher o peito de ar e olhar exatamente para o lago, para onde a menina voltava as costas. E então eu vi o que não poderia deixar de ver.

Capítulo 5

MISS JESSEL

Duas horas depois, na cozinha da casa, caí novamente nos braços de Mrs. Grose:

- Oh, minha amiga! Eles sabem, eles sabem! É horrível demais!
- O que a senhora quer dizer, Miss? — perguntou, ela.
- Eu... estava no lago... com Flora. Eu vi e a menina também!
- A menina o viu? — gritou Mrs. Grose.

 **GRAVETO:** pequeno pedaço de madeira



— Dessa vez era outra pessoa... uma mulher! Estava de preto. Tinha os cabelos negros penteados para trás e a pele pálida. O olhar... oh! Era aterrorizante! Parecia querer repreender a menina.

— De onde ela veio, querida Miss?

— Do mesmo lugar que Quint veio. Só Deus sabe. Talvez nem Deus...

— E Flora?

— Não disse uma palavra!

— E como sabe que ela viu?

— Ela viu, cara amiga! Tenho absoluta certeza de que ela viu sua antiga professora!

— Miss Jessel???

— Era ela, a senhora sabe tanto quanto eu. E o que mais me apavora não é encontrá-la novamente, nem Quint. O pior é ter consciência de que as crianças sabem de tudo o que nós sabemos, e talvez de muito mais!

— Diga, Miss, como sabe que era ela?

— Então a senhora confirma?

— Como sabe? — Mrs. Grose limitou-se a perguntar.

— Aquela “coisa” não ousou me encarar. Ao contrário, queria apenas Flora. Se eu não estivesse ali, teria se apoderado dela.

Mrs. Grose foi até a janela, ficou um instante em silêncio e perguntou:

— Ela estava de luto?

— Sim. Eram roupas simples e pobres, acho que a saia estava até rasgada.

— E o olhar?

— Era o olhar de uma pessoa **VIL e INDIGNA**.

Mrs. Grose se virou e disse:

— Miss Jessel era uma mulher indigna! Quint e ela eram indignos!

— Diga, cara amiga, o que houve entre eles?

AOS PRANTOS, Mrs. Grose acabou me contando que Miss Jessel e Peter Quint haviam tido um relacionamento amoroso. A pobre moça fora embora grávida, pois seria vergonhoso demais para uma professora ter um filho do criado de quarto do patrão. Os dois não eram sequer casados!

— A senhora sabe como ela morreu? — perguntei.

— Não sei, Miss. Só sei que os dois morreram na mesma época, pouco tempo depois que ela se foi daqui.

— E por que se foi? Não é verdade que resolvera tirar férias...



VIL: desprezível, infame



INDIGNA: que praticou indignidade, atitude imprópria



AOS PRANTOS: chorando





— Dizem que perdeu o bebê que carregava no **VENTRE**.

— Daí o luto... — refleti. — O que será de nós? O que será dessas crianças?

— perguntei a Deus em voz alta.

— Não desanime, não desanime, Miss. É o que lhe peço — disse Mrs. Grose.

— A senhora precisa me ajudar. Conte-me por que a senhora disse que Miles fazia travessuras. Desde que chegou aqui, ele só demonstrou respeito e educação.

A boa governanta explicou que Miles passara vários meses na companhia de Quint. O tal homem se encarregava dele o dia inteiro como se fosse seu preceptor.

— E a senhora falou com Miss Jessel sobre isso? — perguntei.

— Ela me mandou cuidar da vida. Disse que o menino não era assunto meu.

— Oh, Deus! Miles encobria o relacionamento dos dois — concluí. — Ele era usado por aqueles **SALAFRÁRIOS**! Como podiam fazer isso com uma criança?

— Resolvi ir falar com o próprio Miles — disse Mrs. Grose. — Expliquei a ele que um garoto de sua classe não deveria aceitar ordens de um criado de seu tio.

— E ele, o que disse?

— Oh, Miss... o menino... o nosso menino...

— ... mentiu! — completei.

— Sim, ele mentiu. Disse que não sabia de nada entre Quint e Miss Jessel.

— E o que a senhora fez?

— Insisti, mas foi pior, bem pior.

— Por Deus, o que houve?

— A senhora talvez não acredite, Miss, mas o pequeno Miles, este anjo que conhecemos, disse **BARBARIDADES** para mim.

Nas semanas seguintes, continuei a me dedicar às crianças. Elas eram tão encantadoras, que funcionavam como um **BÁLSAMO** contra todos os males e aflições que eu vinha sentindo. Mergulhar nos dois pares de olhos azuis de Flora e Miles era como tomar um remédio curador de toda e qualquer ferida. Hoje, porém, percebo que havia algo de **SINISTRO** na docilidade das crianças.

Lembro-me de que, logo depois da aparição de Miss Jessel, as crianças passaram a se comportar excepcionalmente bem. Além de fazerem as lições com capricho e atenderem a todos os meus chamados, eles se **ESMERAVAM** em me distrair. Encenavam peças de teatro, convidavam-me para brincar de esconde-esconde, contavam histórias e tocavam belíssimas músicas ao piano, mesmo sendo tão

- 📖 **VENTRE**: útero da mulher; local onde o bebê é gerado
- 📖 **SALAFRÁRIO**: pessoa má e ordinária
- 📖 **BARBARIDADE**: crueldade, coisa surpreendente
- 📖 **BÁLSAMO**: cura, remédio
- 📖 **SINISTRO**: que causa medo
- 📖 **ESMERAVAM**: faziam força

pequenos. Pareciam querer me “enfeitiçar” cada vez mais, e eu me deixava levar por esse feitiço quase por vontade própria.

Chamava-me a atenção também a amizade entre os irmãos. Os dois eram unha e carne. Faziam tudo juntos, ajudando e respeitando um ao outro sem o menor sinal de brigas infantis, que seriam normais na idade deles. Comecei a notar, no entanto, que essa amizade também funcionava como forma sutil de me enganar. Um deles me distraía, enquanto o outro dava um jeito de escapar para algum lugar. Como isso nunca havia resultado em situações mais sérias, fazia vista grossa para essas armações, julgando serem atitudes brincalhonas de crianças saudáveis e felizes.

Tudo corria bem, entretanto, até que, certa noite, o terror voltou a reinar. Eu estava lendo no quarto. Flora dormia sob o cortinado e a janela estava parcialmente aberta, permitindo que uma brisa leve invadisse o recinto. Era tarde da noite. De uma hora para a outra, ouvi alguns passos no corredor. Fui espiar a menina, que dormia tranquilamente. Peguei um castiçal com uma vela acesa, saí do quarto e tranquei-o a chave. Caminhei cerca de um metro até a janela ampla do corredor, quando três coisas **INUSITADAS** aconteceram. Vieram quase ao mesmo tempo, embora eu me lembre de cada uma delas de modo isolado.





Primeiro, um sopro de vento vindo não sei de onde apagou a vela que eu levava nas mãos. Nessa hora, percebi que o dia já estava raiando, tomando o uso da vela desnecessário. Uma luz invadiu o corredor e **INCIDIU** sobre a escada, mostrando-me que havia um vulto subindo os degraus. Era ele: Peter Quint.

Nós dois paramos e nos encaramos. Não sei como, mas não tive medo daquela vez. E ele percebeu isso, pois naturalmente virou-se de costas e desceu as escadas, como se tivesse recebido uma ordem minha para fazê-lo. Observei-o descendo lentamente, até desaparecer na névoa da manhã que invadia a casa.

Capítulo 6

CRIANÇAS ENFEITIÇADAS

Assim que voltei para o quarto, fui tomada pelo medo e o pavor que não haviam me **ACOMETIDO** momentos antes. Flora não estava na cama! Vi o lençol revirado e o **DOSSEL** exatamente no lugar, como se a menina tivesse sido tirada de lá por forças ocultas e não por um ser humano.

-  **INUSITADA:** incomum
-  **INCIDIU:** refletiu
-  **ACOMETIDO:** atacado, investido sobre
-  **DOSSEL:** cortina de tecido fino para cobrir a cama e afastar insetos durante o sono





Segundos depois, porém, que alívio! Algo se mexeu perto da janela e Flora saiu, linda como sempre, detrás da cortina. Abracei-a com energia contra o peito. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela me olhou como se estivesse brava e falou:

— Foi muito feio sumir desse jeito. Onde a senhora estava?

Agora era eu que deveria dar explicações. Aquilo me comoveu ainda mais e continuei a abraçá-la. Quanto a ela, explicou que acordou e não me viu no quarto, por isso foi até a janela.

— Pensou que eu estivesse lá embaixo? — perguntei.

— Poderia ter alguém lá — respondeu.

— E tinha? — perguntei, aflita.

— Não..., não vi ninguém — disse, com um jeitinho **MAROTO**.

— E por que arrumou o dossel como estava depois de descer da cama?

— Ora, para não assustá-la.

— Como assim?

— A senhora poderia voltar de repente. E foi o que fez. Levaria um susto se visse o cortinado fora do lugar.

Eu sabia que ela estava mentindo, mas sentia-me tão aliviada por vê-la **SÃ** e salva, que abracei-a ainda mais forte. A partir daqueles acontecimentos, passei noites inteiras em claro, **ESGUEIRANDO-ME** pelos corredores atrás de algum vulto.

Eu pensava constantemente em falar com as crianças sobre as aparições, mas ainda não estava certa de que isso seria positivo ou se ajudaria em alguma coisa. Um acontecimento seguinte — na minha opinião, um dos piores — confirmou minha teoria de que as crianças não diriam nada, caso fossem questionadas.

Onze dias depois de eu ter visto Quint na escada, justamente quando o susto maior havia passado e eu pensei que pudesse finalmente dormir em paz, precisei enfrentar outra prova. Eu dormia profundamente, quando despertei em sobressalto. Era uma hora da manhã e a vela que ficava acesa dentro do quarto estava apagada. Tive a nítida sensação de que Flora a apagara. Olhei para sua cama e, novamente, a pequena não estava lá.

Percebi que a janela estava aberta. A menina se debruçava sobre o **PEITORIL**, completamente absorta na comunicação com alguém que se encontrava no andar de baixo, do lado de fora. Estava tão entretida, que não notou o barulho que fiz para calçar as pantufas, vestir o roupão e acender outra vela.

- **MAROTO**: esperto, malicioso
- **SÃ**: ilesa, salva
- **ESGUEIRANDO-ME**: andando com cuidado
- **PEITORIL**: parte de baixo da janela, geralmente feita de madeira e que serve para apoiar ou debruçar-se sobre ela

Sem falar com ela, saí do quarto. Decidi então observar o **INTERLOCUTOR** de Flora de um ângulo onde ele não pudesse me ver. Abri a porta de um dos quartos do andar de baixo, que ainda assim ficava acima do jardim. Atravessei o **CÔMODO** frio e vazio, puxei lentamente a cortina e vi um vulto fazendo sinais em direção à janela do alto, onde a menina se encontrava. Precisei esfregar os olhos para ter certeza de que o que eu via era mesmo real: o vulto era Miles!

Desci imediatamente. Quando ele me viu no jardim, não correu, nem se assustou. Caminhou em minha direção e entrou na casa. Eu também não disse nada, apenas tomei-o pela mão. Só falamos ao entrar no quarto dele, cuja cama estava intocada.

— Miles, agora você precisa me contar toda a verdade, a verdade, entendeu? — falei.

Ele ficou quieto, olhando-me como se tivesse ganho de mim uma batalha. Aquele parecia ser o seu **TRIUNFO**, seu momento mais feliz.

— O que fazia lá embaixo? Por que foi para o jardim? — insisti.

— Não sei se a senhora vai compreender... Posso mesmo contar?

Senti o corpo todo tremer. Será que ele iria falar o que eu esperava ouvir? Fiz sinal afirmativo com a cabeça. Ele tomou coragem e disse:

— Fiz de propósito. Queria que a senhora soubesse que eu sei ser mau quando quero ser.

— E como sabia que eu o veria no jardim?

— Ora, foi fácil... Combinei com Flora. Pedi para ela ir até a janela. A senhora com certeza acordaria com o barulho.




Ele disse isso e imediatamente beijou-me com carinho. Não resisti e abracei-o.

— Miles, você poderia ter pego uma doença terrível. O ar está gelado!

— Como eu disse, foi de propósito. Só assim a senhora pensaria mal de mim para variar.

Contei tudo isso a Mrs. Grose na tarde do dia seguinte. Miles e Flora caminhavam abraçados no jardim sob as nossas vistas, enquanto nós duas sentávamos em um banco, observando-os. Não sei se teria conseguido enfrentar tudo aquilo sem o apoio e a confiança de Mrs. Grose.

As duas crianças andavam de um lado para o outro, e acenavam em nossa direção quando passavam diante do banco do jardim. Aquela atitude confirmou minhas impressões, por isso disse a Mrs. Grose:

-  **INTERLOCUTOR:** pessoa com quem se está falando
-  **CÔMODO:** quarto
-  **TRIUNFO:** vitória



— Estão apenas encenando. Não são eles de verdade.

— O que a senhora quer dizer, Miss? As crianças...

— ... estão sendo influenciadas, enfeitadas, não sei bem.

— Por...

— Exatamente por quem a senhora está pensando: Quint e Miss Jessel!

— Oh, Miss! Não estou compreendendo...

— Desde o início, o excesso de doçura das crianças, o jeito meigo e educado... É muito exagerado, a senhora percebe? Crianças dessa idade comportam-se de maneira diferente: teimam, brigam, desobedecem... Flora e Miles são como dois bonecos que atendem ordens.

— Atendem ordens de Quint e daquela mulher? Os dois anjinhos...?

— Nossos anjinhos estão tomados por forças demoníacas!

Acho que falei tão alto, que Miles parou e olhou em nossa direção. Os irmãos acenaram e continuaram a caminhar abraçados. Mrs. Grose observou-os e soltou um gemido de dor, como se a atitude dos dois tivesse confirmado minhas palavras.

— Por que Quint e Miss Jessel estão fazendo isso, Miss?

— Querem levá-los para onde estão — afirmei, com convicção.

— Por Deus, Miss!

— Querem continuar a fazer-lhes o mal que exerceram no tempo em que estiveram vivos. É por isso que voltaram! — continuei.

Mrs. Grose ficou pensativa por alguns segundos, depois falou, como se lembrasse de dias ainda piores do que aqueles que estávamos vivendo:

— E quanto mal esses dois demônios fizeram...

Segurei em suas mãos e disse:

— Precisamos nos unir ainda mais, cara amiga. Não podemos deixá-los triunfar.

A boa mulher caiu em lágrimas. Sugeriu que chamássemos o tio, mas fui contra.

— Assumi o compromisso de nunca incomodá-lo. Salvar Flora e Miles é uma tarefa minha — disse.

— Oh, Miss! E se não conseguirmos afastar os fantasmas? — perguntou a boa governanta, desesperada.

— Perderemos as crianças! — concluí.

Capítulo 7

MILES LANÇA UM DESAFIO

O verão terminou. O outono trouxe folhas secas, paisagem colorida e menos luz a Bly. A noite chegava mais cedo, motivo pelo qual recolhíamos-nos à sala de



estar já no final da tarde. Nessas horas, eu notava claramente o jogo que Flora e Miles faziam comigo. Sempre que o assunto entre nós esbarrava em qualquer coisa ligada ao tempo em que ambos eram criados pelo casal de fantasmas, as crianças tornavam-se exageradamente carinhosas e perguntavam sobre a minha vida. Queriam saber sobre meu pai, minha mãe, sobre o gato e o cachorro que tínhamos em casa e sobre o pônei da igreja da cidade. Isso me dava convicção de que existia um segredo entre eles, e a certeza de que eu não estava louca em acreditar que eles mantinham contato com Peter Quint e Miss Jessel.

— A senhora acha que eles vêem as aparições? — perguntou-me Mrs. Grose uma noite.

— Não estou bem certa ainda. Pode ser que elas apenas se comuniquem com as crianças. De qualquer forma, tive a nítida sensação de que Flora viu Miss Jessel aquele dia no lago — respondi.

Como Mrs. Grose continuava a me olhar, completei os pensamentos:

— Muitas vezes, quando estamos juntos, eu poderia jurar que os fantasmas estão por perto, talvez do nosso lado. As crianças mudam de atitude, até seus rostos ficam diferentes, mais ansiosos. É nesses momentos que eles tentam disfarçar a presença dos **ESPECTROS**. Começam a falar sem parar e a fazer perguntas. Ficam ainda mais doces e amáveis — expliquei.

— Pobres crianças! — exclamou a governanta.

Embora eu não tivesse mais visto nenhum dos vultos, aquela situação de fingimento entre mim e as crianças estava me angustiando a ponto de ter vontade de explodir. Foi então que um acontecimento surpreendente trouxe alívio, se é que poderia chamar aquela sensação de “alívio”. De qualquer maneira, foi uma mudança que chegou na hora certa.

Certo domingo de manhã, Miles e eu caminhávamos lado a lado para a igreja. Flora e Mrs. Grose iam um pouco à frente. O dia estava frio, mas muito bonito. Eu pensava em meus pupilos, em como eles eram comportados. Será que nunca se cansavam de minha companhia? Justamente nessa hora, Miles olhou para mim e disse, com a voz mais doce possível:

— Querida, posso fazer uma pergunta?

Quando os fantasmas estavam por perto, ele geralmente começava a me chamar de querida, por isso meu coração acelerou.

— Pergunte o que quiser — respondi.

— Quando voltarei ao colégio?

Trocamos um olhar profundo, que certamente revelou-lhe minha total surpresa e falta de resposta para aquela pergunta. Ele tinha um tom de voz estranho, como



ESPECTRO: fantasma, sombra, coisa imaterial

se quisesse demonstrar que, finalmente, havia me vencido. Como fiquei muda, ele continuou, sentindo-se bem à vontade:

— A senhora entende, querida, um garoto sempre na companhia de uma mulher...

— Não... está feliz aqui? — consegui dizer, com a voz entrecortada.

— Fico feliz em todos os lugares.

— Então por que quer voltar para o colégio? — perguntei, apoiando-me nos ombros de Miles, pois senti as pernas fraquejarem enquanto caminhava.

— Quero conhecer os meus iguais.

— Não há muitas crianças como você, Miles, a não ser a pequena Flora.

— Como pode me comparar a uma menina? — perguntou, demonstrando indignação.

— Não gosta de sua irmã por ela ser menina?

— Se eu não gostasse dela... a senhora também... se eu não gostasse da senhora...

Nesse momento, chegamos ao cemitério, que ficava na entrada da igreja. Vimos Flora e Mrs. Grose entrarem e outros moradores do vilarejo fazerem o mesmo. Segurei na mão de Miles e perguntei:

— O que faria se não gostasse de nós?

— A senhora sabe... — respondeu, lançando-me um olhar tão **MAQUIAVÉ-LICO**, que caí sentada sobre uma **TUMBA**.

Eu nunca havia visto tal olhar no meu menino. Faltou-me o ar, mas tentei disfarçar. Ele insistiu:

— Então, quando voltarei a estudar no colégio?

— Não sei, ainda não sei — disse, sem ter outra resposta.

— Mas eu vou voltar, não vou?

— Miles...

— É bom que a senhora saiba que eu preciso voltar. Lembra-se daquela noite?


— Que noite?


— Aquela em que mostrei a senhora como sei ser mau.

— Ah...! Quando foi ao jardim de madrugada... Sim, eu me lembro.

— Aquilo não foi nada. Posso fazer muito pior — disse, virando-se de costas e caminhando para dentro da igreja sozinho.

Fiquei paralisada, tanto que não consegui segui-lo. Permaneci sentada sobre o túmulo, ainda sem acreditar que havia escutado palavras tão cruéis de um menino antes considerado um verdadeiro anjo.

 **MAQUIAVÉLICO:** de má-fé, com intenção ruim

 **TUMBA:** sepultura



Eu não queria lidar com a expulsão de Miles do colégio. Não estava disposta a falar com o diretor e saber o que acontecera. Talvez tivesse medo da resposta. Principalmente, eu não podia mandar Miles de volta para lá. Longe de minhas vistas, tudo ficaria mais fácil para Peter Quint.

O desafio que Miles me **IMPÔS** confirmava minha suposição de que o menino estava enfeitiçado, ou que no mínimo tinha duas caras, a de anjo e a de pequeno demônio. “Finalmente acabaram os fingimentos. O garoto sabe que eu tenho conhecimento de suas conversas com os espectros”, lembro-me de ter pensado. Tendo sido pega de surpresa, não consegui entrar na igreja. Sem pensar direito, caminhei de volta para casa com uma ideia martelando meu cérebro: “Vou fugir!”

Movida por uma profunda angústia, subi as escadas, entrei no quarto e comecei a tirar as roupas do armário. Coloquei-as com rapidez em uma mala e arrastei-a escada abaixo. Pensei em como arranjaria um transporte para me tirar dali, e resolvi ir até a casa dos empregados em busca de algum que tivesse desistido de ir à igreja. Antes, porém, lembrei-me de que esquecera alguns objetos pessoais no escritório. Corri até lá.

Ao abrir a porta, o ar me faltou completamente. Sentada à minha mesa de estudos, lá estava ela, de preto, cabelos longos, com a caneta na mão escrevendo uma carta. Seu rosto voltava-se para a mesa e ela não fez menção de se levantar quando entrei. Era como se ela tivesse tanto direito de estar ali, naquele escritório que antes havia lhe pertencido, quanto eu, a atual professora de Bly.

Fiquei parada na porta, observando-a. Ela ergueu os olhos na direção dos meus. Foi quando pude ter certeza: mais uma vez, eu estava diante da indigna Miss Jessel. Em poucos segundos, a caneta caiu sobre a mesa e o vulto terrível desapareceu, com o papel na mão. Deixei-me quase **DESFALCER** sobre uma poltrona. Quando recuperei os sentidos, já havia mudado de ideia. Eu decidira ficar em Bly.

Capítulo 8

A ARMAÇÃO DE MILES E FLORA

Quando Mrs. Grose, Miles e Flora voltaram da igreja, eu os esperava para o chá. Estava preparada para dar explicações quanto à minha ausência no culto, mas, para minha surpresa, nenhum dos três fez perguntas. Assim que as crianças dormiram, fui falar com Mrs. Grose.

— Eles pediram para a senhora não dizer nada, não foi?

— Miles pediu. Flora e eu obedecemos — explicou ela. — Ele disse que a senhora queria ficar sozinha. Prometi não lhe perguntar nada, mas, agora, longe da presença deles, por Deus, Miss, o que houve?

👁️ **IMPÔS:** obrigou a aceitar, lançou

👁️ **DESFALCER:** enfraquecer, desmaiar, sentir-se sem forças



Contei à minha fiel amiga tudo o que acontecera, desde a conversa com Miles até o encontro com Miss Jessel. Com as mãos trêmulas de nervoso, ela perguntou:

— O que a senhora pretende fazer?

— Chamar o tio.

— Oh, Miss! Conte comigo mais uma vez. É chegada a hora de ele saber.

— Se Miles pensa que vai me desafiar da maneira como fez hoje, está muito enganado. É possível que tenha feito coisa semelhante no colégio. Daí a expulsão.

Refleti em silêncio por alguns segundos e continuei:

— Se é que a senhora me entende, cara amiga, não estamos simplesmente lidando com uma criança rebelde. Estamos enfrentando Peter Quint, um fantasma que **MANIPULA** Miles. E a culpa de tudo isso é do tio, que permitiu a relação entre eles durante tanto tempo. Só ele pode impedir Quint de **se APODERAR** do menino.

— E Miss Jessel de levar nossa Flora... — concluiu Mrs. Grose.

Naquela noite, tentei escrever para meu patrão, mas as palavras embaralhavam-se na mente. Fiquei horas sentada, com uma vela acesa, olhando para o papel em branco e para a pequena Flora, que dormia profundamente na cama ao meu lado. De repente, decidi ir, pé ante pé, até o quarto de Miles, talvez escutar algum sinal de que ele tinha companhia. Quando aproximei o ouvido da porta, o sinal veio de modo surpreendente. Escutei sua própria voz infantil ordenando:

— Você aí, entre!

Girei a maçaneta e encontrei-o desperto, sentado na cama.

— Como sabia que eu estava na porta? — perguntei.

— Ora, porque a senhora fez barulho.

Ele esticou a mãozinha delicada de criança e pediu que eu me sentasse perto dele. Coloquei a vela na cabeceira, de modo que a luz incidisse sobre seu belo rosto. Com um sorriso nos lábios, ele me disse:

— Eu estava acordado pensando na senhora.

— Em mim?

— É, pensei na educação que a senhora me dá e em tudo mais.

— Que “tudo mais”, Miles?

— A senhora sabe.

Calei-me por um instante e depois disse:

— Você não me falou uma só palavra sobre o colégio desde que chegou aqui, sabia?

— É mesmo? — perguntou ele, mostrando um olhar confuso.



MANIPULA: controla, domina



APODERAR-SE: tomar conta, tomar posse



— É sim. Nunca escutei histórias sobre seus professores, colegas, nem sobre o diretor.

Ele ficou quieto, como se estivesse querendo ganhar tempo para responder. Seu rosto expressou uma dor repentina. Parecia lutar contra alguma força que o dominava, ao mesmo tempo que aguardava ordens dessa força. No entanto, não parou de sorrir. Aproveitei para continuar:

— Como nunca ouvi você falar nada, achei que estivesse satisfeito aqui, estudando comigo e com sua irmã.

Ele pensou mais um pouco, depois disse:

— Não, eu não estou satisfeito. Quero voltar para o colégio.

— Quer ir ficar junto com seu tio? — arrisquei.

Ele me olhou com **SARCASMO** e respondeu:

— Quero meu tio bem longe daqui. Será que a senhora ainda não percebeu que é para isso que estou trabalhando?

— Como assim? Não entendo...

— Não me venha com essa! A senhora entende muito bem — respondeu ele, bruscamente.

— Nesse caso você irá para um novo colégio. O antigo não pode ser — tentei argumentar para ver se arrancava mais alguma coisa dele.

— Tanto melhor. Preciso mesmo de um campo neutro, querida — disse, com **IRONIA**.

Percebendo que aquelas palavras não eram verdadeiramente dele, tentei um último recurso. Abracei-o com força contra o peito. Ele se deixou abraçar e me deu um beijo no rosto, mas percebi que se assustou com minha atitude súbita.

— Miles, tudo o que quero é ajudá-lo. Daria minha própria vida para não vê-lo sofrer. Diga, por favor, não há nada que queira me contar? — perguntei.

Em resposta, ele foi ainda mais ríspido:

— Já disse tudo hoje de manhã.

— Então o que você quer mesmo é sair de Bly.

— Sim, e quero também que a senhora não me aborreça com suas perguntas!

Nessa hora, um vento congelante invadiu o quarto. A janela bateu, produzindo um barulho assustador. Miles gritou e a vela se apagou. Aproximei-me da janela e percebi que ela estava trancada, com as cortinas fechadas e intactas. Olhei ao redor, tentando me acostumar com a escuridão.

— Foi só a vela que se apagou — disse eu.

— Fui eu que a apaguei — respondeu Miles.



SARCASMO: zombaria, menosprezo



IRONIA: maneira de falar com intenção de depreciar ou menosprezar o interlocutor



No dia seguinte, ele continuou a querer provar que tinha domínio sobre mim. Fez isso de uma maneira cruel e **MALÉFICA**. Logo após o almoço, com o pretexto de se desculpar dos maus modos na noite anterior, pegou-me pela mão e perguntou:

— Posso tocar piano para a senhora?

Sentei-me em uma poltrona na sala de estar e me deixei levar pela bela música de Miles. Ele se esmerava em tocar as peças que ensaiamos juntos, demonstrando grande progresso em todas elas. Envolvi-me de tal maneira com o som do piano, que tive a sensação de ter dormido. De repente, como se tivesse despertado de uma longa noite de sono, dei-me conta de que não via a pequena Flora desde a hora do almoço. Quanto tempo havia se passado desde que me sentara ali?

— Onde está Flora? — perguntei em voz alta.

Miles soltou uma gargalhada e respondeu, sem parar de tocar:

— Como é que eu vou saber, querida?

Saí imediatamente atrás da menina, deixando-o ao piano. Miles havia me enganado direitinho, tocando para deixar a irmã escapar. Chamei Mrs. Grose, que propôs buscarmos Flora pela casa.

— Ela não está aqui! — exclamei.

— E onde mais estaria? — perguntou a boa mulher.

— Está com sua antiga professora! — gritei, já saindo para o jardim.

Mrs. Grose me seguiu, desesperada, em direção ao lago. Chegando lá, não vimos Flora, mas Mrs. Grose chamou a atenção para um fato estranho:

— O bote! O bote... não está no **EMBARCADOURO**!

— Flora o pegou! Ela tomou o bote para cruzar o rio e chegar à outra margem! — exclamei.

— Mas como isso pode ser, Miss? Ela é apenas uma criança. Não tem força...


— A essa altura ela não tem mais oito anos de idade. Ela é uma mulher mais velha!

— Deus do céu! O que devemos fazer?

— Vamos dar a volta no lago. Pode demorar, mas vamos encontrá-la. O bote deve estar escondido.

Caminhamos cerca de dez minutos, que pareceram uma eternidade, até encontrarmos o bote, como eu previra, atrás de uns arbustos. A pequena não estava lá, mas nos admiramos ao imaginar a força que ela utilizou para puxar o barco até a terra e colocar os pesados remos de madeira dentro dele. Havia uma

 **MALÉFICA**: maligna, que está disposta a fazer o mal

 **EMBARCADOURO**: local onde se pega o barco, lugar de embarcar



cerca próxima ao local, onde logo depois podia-se ver um **DESCAMPADO**. Foi lá que avistamos Flora saltitando entre as flores, como se tivesse terminado sua tarefa e agora brincasse feliz da vida.

— É ela! — gritamos ao mesmo tempo.

Quando nos viu, a bela menina parou e esperou que chegássemos perto. Levava um sorriso aberto no rosto. Mrs. Grose não se conteve e a abraçou com força, exclamando:

— Graças a Deus!

Sobre o ombro da governanta, Flora e eu nos olhamos. O sorriso desaparecera de seu rostinho infantil. Depois do abraço, Mrs. Grose segurou-a pela mão, de modo que as duas ficaram de frente para mim.

Mrs. Grose e eu olhamos ao redor, preocupadas com o fato de que a antiga professora pudesse estar por perto. Flora abaixou-se e colheu um ramo de avenca murcha. Em seguida, estendeu-me a planta e lançou-me um olhar que parecia dizer: “Eu nunca vou falar nada!” Como não fiz menção de aceitar o ramo de avenca, ela deixou-o cair no chão e perguntou:

— Onde está Miles?

Olhei bem para Mrs. Grose, que trazia angústia no rosto.

— Só digo se você me disser — respondi.

— O quê? — perguntou a menina.

A boa governanta parecia implorar para eu não falar nada, mas eu já havia decidido.

Respirei fundo, peguei nas mãos de Flora e falei:

— Diga, minha querida, onde está Miss Jessel?

Capítulo 9

A PARTIDA DE FLORA

Não foi preciso Flora responder. A figura de Miss Jessel estava, **IMPONENTE**, na outra margem do lago.

— Lá está ela! — gritei, agarrando o braço de Mrs. Grose.

Vestida de preto como sempre, com os longos cabelos negros presos para trás e o olhar de tristeza, ela nos observava do ponto onde estivéramos minutos antes à procura da menina. Continuei a gritar:

— É ela, Miss Jessel! Não está vendo, criatura?

Mrs. Grose parecia atordoada, por isso segurei sua cabeça em direção ao espectro.



DESCAMPADO: campo aberto, local sem vegetação alta



IMPONENTE: com ar arrogante



— Olhe para ela, olhe! — berrei.

A boa governanta voltou o rosto para mim e disse, para minha enorme surpresa:

— Não vejo nada! Não pode ser! Miss Jessel está morta, a pobre. Não pode estar ali.

Em seguida, pegou a menina no colo, como se quisesse consolá-la ou afastá-la de qualquer perigo. O fantasma continuava lá, há mais de um minuto, por isso insisti:

— E você, Flora? Não pode negar que vê. Miss Jessel está lá e você sabe disso!

— Não tem ninguém ali! Eu odeio a senhora! Odeio! — respondeu a pequena aos berros, como se fosse uma criança sem educação.

Ela abraçou Mrs. Grose e pediu:

— Leve-me daqui! Quero ir para longe dela!

— É de mim que quer se afastar? — perguntei, espantada.

— Sim, quero viver bem longe da senhora!

Naquele momento, vi o rosto de Flora mudar. Toda a beleza e jovialidade de antes haviam desaparecido. Sua face agora estampava tristeza e dor, não mais alegria e doçura. Ela parecia vulgar, velha e, por mais estranho que fosse, feia.

— Vá, leve a menina daqui! Desapareçam as duas da minha vista! — ordenei a Mrs. Grose.

A boa governanta voltou para casa carregando a menina. Antes de ir, porém, olhou para mim com expressão de piedade. Não me lembro ao certo o que houve depois que fiquei sozinha. Lembro-me apenas que deixei-me cair no chão, com o rosto sobre a terra e o mato. Quando me levantei, o dia já estava no fim. O lago estava cinza, ajudado pelo fim de tarde escuro. Caminhei em direção à casa.

Não encontrei Mrs. Grose nem Flora naquela noite, apenas os **INDÍCIOS** de que a pequena e eu rompêramos relações. Todas as suas roupas e pertences haviam sido transportados para o quarto da governanta, onde ela passou a noite.

Troquei de roupa e fui tomar o chá na sala de estar. Não perguntei à criada sobre Miles. Ele agora estava livre para fazer o que quisesse. Quando terminei, fui sentar-me perto da lareira. Sentia um frio aterrorizante no corpo e na alma. Perto das oito da noite, bateram na porta. Era Miles, que entrou e sentou-se na poltrona ao meu lado. Ficamos em silêncio por um longo tempo, até que fomos dormir, ainda sem nos falar. Beijamo-nos como de costume e recolhemo-nos aos nossos **APOSENTOS**.

No dia seguinte bem cedo, Mrs. Grose entrou em meu quarto aflita.

🕯️ **INDÍCIO:** sinal
🕯️ **APOSENTO:** quarto



— Flora está ardendo em febre — disse. — Ela passou a noite toda agitada, dizendo coisas...

— O que foi que ela disse? — perguntei.

— Coisas sobre a senhora, Miss.

— Ela não quer mais me ver?

— Está em pânico, com medo de encontrá-la de novo.

— E a senhora, pelo jeito, veio me pedir para partir.

— Pelo contrário, Miss. Vim pedir para que me deixe levar a menina daqui.

Estou com medo...

— Com medo?

— Embora eu não tenha visto ninguém no lago ontem à tarde, acredito na senhora.

— Acredita que os fantasmas existem?

— Sim, Miss. Minha querida e amada Flora é a prova viva de que eles existem. A criança está transformada. Acho que nem é mais criança. Apesar de as feições não terem mudado, seu rosto agora é medonho. Eu não sei explicar. Além disso...

— O que houve?

— Ela fala as maiores barbaridades que já escutei. Diz coisas tão horrendas que nem parecem sair da boca de uma menina! Preciso tirá-la daqui o mais rápido possível.

O fato de Mrs. Grose acreditar em mim, apesar de não ter visto o vulto no lago, encheu-me de esperança.

— Vá, então, boa amiga. Leve Flora para o tio.

— Para o tio? Ela pode falar mal da senhora, Miss. Ele perderá a confiança que depositou...

— Isso não ocorrerá — interrompi.

— Como sabe?

— Ontem à noite tive certeza de que o pequeno Miles está prestes a me contar algo. Ficamos quase duas horas em silêncio, olhando para o fogo. Sinto que ele quer se abrir comigo. Se o fizer, contaremos juntos ao tio o que está havendo aqui em Bly. Dentro de dois ou três dias, no máximo, iremos ao encontro da senhora e de Flora. Mesmo que a menina me **DIFAME** ao chegar lá, tudo será esclarecido.

— Então partirei imediatamente — disse ela.

— Vá, cara amiga. Se Miles confessar, ele estará a salvo.

— E a senhora também, eu espero.



DIFAME: fale mal





— Só lhe peço uma coisa. Não deixe que os dois irmãos se vejam antes da partida.

— Já pensei nisso, Miss. Agora mesmo há duas criadas guardando a pequena — disse ela, olhando para o relógio. — Agora devo ir. Boa sorte, Miss.

— Obrigada, obrigada — agradecei, beijando-a na face.

Nunca havia sentido um vazio tão grande em Bly como no momento em que vi a carruagem de Mrs. Grose e Flora cruzar o portão. Eu agora precisava enfrentar tudo sozinha. Mesmo transbordando de angústia e inquietação, passei quase uma hora caminhando pela propriedade demonstrando segurança e **ALTIVEZ**. Queria mostrar a quem pudesse interessar que era eu a encarregada de cuidar dos assuntos daquela casa. E eu não estava disposta a me **INTIMIDAR**!

Miles pareceu o menos interessado nessa minha demonstração de coragem. Ele não compareceu à sala de estudos para as aulas da manhã. Quando perguntei por ele aos criados, disseram que tinha ido dar uma volta. Estava tudo muito claro entre nós. Eu não deveria me meter nos assuntos dele.

À noite, mandei servirem a refeição na sala de estar, a mesma onde, através da janela, eu havia visto o vulto de Peter Quint. Miles chegou e ficou parado diante de sua cadeira, olhando para a comida sobre a mesa. Assim que os empregados saíram, ele disse:

— É verdade que Flora está doente, querida?

— Logo estará boa. Sua mudança para Londres será muito **BENÉFICA**. Bly não estava lhe fazendo bem — respondi.

— Por que Bly ficou tão ruim de repente?

— Não foi tão de repente assim. A coisa já vinha ameaçando há algum tempo...


— Então por que a senhora não mandou Flora sair daqui antes que ficasse doente demais para viajar?

— Ela não está doente demais. Saiu no tempo certo. A viagem fará com que a influência se afaste e desapareça para sempre. Ela ficaria doente, isso sim, se ficasse em Bly por mais tempo.

Miles calou-se. Depois da refeição, levantou-se da mesa, colocou as mãos nos bolsos e olhou fundo nos meus olhos.

— Enfim, sós — disse.

 **ALTIVEZ:** orgulho e arrogância

 **INTIMIDAR:** ficar com medo

 **BENÉFICA:** que faz bem

Capítulo 10

A PARTIDA DE MILES

— Não tão a sós — disse eu.

— É verdade — respondeu ele.

— Existem eles — arrisquei.

— É, existem eles, mas não servem para nada — disse Miles.

— Isso é você que pode me dizer.

Miles ficou quieto e caminhou até a janela. Notei um ar de dúvida em seu jeito. Pela primeira vez, senti que ele poderia de fato estar sozinho. Ele olhava para os **ARBUSTOS** do lado de fora como se estivesse procurando algo que não aparecia mais para ele.

— Hoje fui para lugares bem longe daqui. Caminhei quilômetros — disse, afinal.

— E gostou dessa sua liberdade? — perguntei.

Ele respondeu com outra pergunta:

— E a senhora, gostou?

Antes que eu respondesse, ele continuou:

— Pergunto isso porque agora que estamos só nós dois aqui em Bly, é a senhora que deve sentir mais solidão.

— De fato sinto sua falta. Se continuo em Bly, é por você — disse.

— Por mim?

— Sim, sou sua amiga. Lembra-se daquela noite em que sentei na sua cama e disse que daria a vida para não vê-lo sofrer?

— Pensei que havia falado aquilo porque queria que eu lhe dissesse alguma coisa.

— Sim, eu queria que tivesse dito, mas você bem sabe que não o fez.

— Quer que eu lhe diga agora... aquilo que me perguntou naquela noite?

Meu coração ficou apertado. Eu estava prestes a sentir a última volta do parafuso. Continuei, com a voz firme:

— Seria ótimo. É o momento certo para isso.

Ele me olhou como se, de repente, estivesse com medo de mim. Foi quando percebi que havia alguém do lado de fora. O vulto caminhava de um lado para o outro, **IMPACIENTE**. Puxei Miles para junto de mim e abracei-o com delicadeza. Notei que ele ainda não vira o vulto, por isso tentei desviar sua atenção da janela.



ARBUSTO: árvore que tem ramos por todo o tronco



IMPACIENTE: sem paciência



— Diga, meu amor, você quer mesmo voltar ao colégio? — perguntei.

— Quero muito, muito! — exclamou, com a voz meiga.

Seu jeito infantil e doce parecia estar voltando. Isso me fez acreditar que eu estava conseguindo afastar a influência que vinha de fora.

— Então me conte: o que você fez para o expulsarem de lá?

— A senhora sabe que fui expulso? — perguntou, surpreso.

— Sei de tudo.

Seu rostinho de criança estava mais belo do que nunca. Os lindos olhos azuis brilhavam como no dia em que ele chegou.

— Eu... eu disse coisas... que não eram para serem ditas.

— E só por isso o expulsaram?

— É que os professores...

— Já sei, os professores ficaram sabendo. E o que foi que você disse?

Ele derramou uma lágrima, e disse que não conseguia se lembrar. Foi nessa hora que soltei um grito de susto e desespero. Ele, Peter Quint, olhava-nos através do vidro. Percebi que Miles não o via, apenas adivinhava o que estava me causando tanto terror. Gritei com todas as forças:

— Suma daqui! Desapareça! Não volte nunca mais!

— Ela, ela está aí? — perguntou Miles, em pânico.

— Ela??? — admirei-me.

— Miss Jessel! — gritou a pobre criança.

— Não é ela que está na janela! É ele, o infeliz! E que seja pela última vez!

O pequeno agora parecia um cachorro perdido. Olhava para todos os lados à procura de uma luz, de alguma pista que indicasse o que devia fazer. Por fim atirou-se em meus braços e gritou, com todas as forças, o nome que provava que eu estivera certa desde o começo:

— Onde está Peter Quint? Vá-se embora, demônio!

— Acalme-se, meu amor. Você agora não é mais dele. Ficaremos juntos, você e eu. Ele voltará para a eternidade, confie em mim! — disse eu.

O menino debatia-se, mas apertei-o firme contra o peito, a cabeça afundada em meu colo. Tentava assim **MINIMIZAR**, a todo custo, a queda que estava sofrendo. **ENLACEI-O** com todo o amor que podia lhe dar, mas, ao final de um minuto, percebi o que de fato havia ocorrido: em meio à atmosfera calma que agora se instalara na sala de estar, eu segurava um coraçõzinho finalmente livre, é certo, mas que parara de bater.”

👤 **MINIMIZAR:** diminuir

👤 **ENLACEI-O:** abracei-o, prendi-o nos braços



ROTEIRO DE LETURA

- 1) Quantos narradores tem a história? Quem são eles?
- 2) Quais foram as condições impostas pelo patrão para que a nova professora aceitasse o emprego de educar duas crianças órfãs? Se estivesse na situação da professora, você aceitaria o desafio ou acharia muito arriscado? Justifique sua resposta.
- 3) Quais foram as primeiras impressões que a professora teve quando chegou em Bly? Ela percebeu algo estranho ou tudo estava normal?
- 4) Depois de ter lido toda a história, o que você acha que aqueles sinais percebidos por ela em sua chegada significavam?
- 5) O que fez a professora acreditar que Peter Quint estava em busca do pequeno Miles e Miss Jessel, atrás de Flora? Você tiraria as mesmas conclusões que ela?
- 6) O que fez Mrs. Grose acreditar na professora quando ela encontrou com Peter Quint através do vidro da janela da sala de estar? Você também acreditaria nela?
- 7) Que outros motivos fizeram Mrs. Grose virar a confidente da professora, apoiando-a em todas as suas ações, mesmo não tendo avistado os fantasmas? Faça uma lista deles.
- 8) Tendo em mente esses motivos, na sua opinião, qual a importância de Mrs. Grose na história?
- 9) O que Miles e Flora tinham de estranho, se comparados a outras crianças de sua idade?
- 10) A professora começou a desconfiar que Miles e Flora não agiam por conta própria. Havia algo que os influenciava. Como essa influência se manifestava nas crianças?
- 11) Qual era a verdadeira motivação que a professora tinha para ficar em Bly e enfrentar todos os perigos que lá se apresentavam? Essa motivação mudou durante a história?
- 12) Você acredita em vida após a morte? Faça uma pesquisa com o auxílio de sua professora e descubra algumas religiões que acreditam nisso.
- 13) Como você acha que se justifica o fato de Flora ter ficado feia depois da briga com sua professora? Pense em algumas possibilidades para isso ter acontecido.
- 14) O que você acha que aconteceu com Peter Quint e Miss Jessel? Escreva, em um ou dois parágrafos, um breve final para eles.
- 15) Agora pense em como foi a chegada de Flora e Mrs. Grose em Londres. Junto com outros dois colegas, faça uma pequena peça de teatro mostrando a cena do tio recebendo a sobrinha e a governanta. Não esqueça de escrever a cena antes.
- 16) Qual você acha que foi o motivo da morte de Miles?
- 17) De qual personagem você mais gostou? De qual você menos gostou? Justifique sua resposta.
- 18) Você teve medo durante a leitura? Que parte da história lhe deu mais medo? Por quê?
- 19) O que você acha que faz uma história de terror ser boa? Que elementos são necessários para causar medo?
- 20) Como você explica o título do livro? O que você acha que significa “a volta do paraquso”?



A VOLTA DO PARAFUSO

Henry James

BIOGRAFIA DO AUTOR

Segundo dos cinco filhos da família James, Henry James nasceu no dia 15 de abril de 1843 em Albany, Nova York. Seu pai, tendo herdado dinheiro da família, dedicou-se ao estudo de teologia e filosofia, seguindo os ensinamentos do místico sueco Emanuel Swedenborg. No ano de 1855, Henry, seus irmãos e seus pais deixaram a América rumo à Europa, onde passaram três anos entre as cidades de Genebra, Londres e Paris.

Depois da viagem, os James se fixaram em Cambridge, Inglaterra, onde Henry teve a oportunidade de conhecer importantes escritores e pensadores, tais como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. Durante toda a sua adolescência, Henry foi um leitor voraz. Ele começou a escrever cedo, e aos vinte anos já publicava sua primeira história em um periódico da época.

Ao contrário de seu único irmão mais velho, William, que casou-se e foi pai de cinco filhos, Henry permaneceu solteiro durante toda a vida. Há rumores de que ele foi apaixonado por sua prima Mary Temple. Como ela morreu de tuberculose, em 1870, aos vinte e quatro anos de idade, Henry nunca teria desejado se casar com mais ninguém.

Seus livros mais famosos são Daisy Miller (1878), Washington Square (1880) e este, A volta do parafuso. O romance, datilografado pelo secretário de Henry na recém-inventada máquina de escrever, foi publicado em capítulos entre janeiro e abril de 1898 em uma revista semanal chamada Collier. Ele tornou-se o trabalho de ficção mais lido do autor.

A volta do parafuso é uma história de fantasmas, um tema de interesse de Henry, que passou bom tempo da vida dedicando-se aos estudos de fenômenos espirituais. Na época, muitas pessoas acreditavam na real existência de fantasmas, considerando-os perigosos.

Henry James morreu em 1916, aos setenta e três anos de idade. Embora tenha nascido nos Estados Unidos, ele não pode ser considerado um típico escritor americano, uma vez que passou a maior parte de seu tempo na Inglaterra e em outros países da Europa. Durante sua vida, ele conheceu e se correspondeu com autores como Oscar Wilde, Robert Lewis Stevenson, Stephen Crane, Joseph Conrad, Ivan Turgueniev e Edith Whartonand, que influenciaram sua obra. Henry James acreditava que “não existem livros morais ou imorais. Existem livros bem escritos e livros mal escritos”.

